

APRESENTAÇÃO



Em voga, as vogais

Focusing the vowels

A fonologia, que se ocupa com a função dos sons e suas peculiaridades dentro dos sistemas das línguas humanas, estende o seu domínio da menor unidade do som, o traço, não segmentável, o segmento, segmentável, a unidades maiores, como a frase e o enunciado – esse no sentido de combinação de frases –, constituindo diálogos com as próprias unidades que a constituem e, em interface, com a fonética, com a morfologia e com a sintaxe, cada qual com suas regras e princípios, aninhando-se uma à outra. O que se constatam são eventos de pequena ou grande extensão, que envolvem mudança de traços ou implementação, simples ou complexos, mas a maioria guarda um segredo que dificilmente se desvenda, a não ser com um olhar para dentro do fato fonológico, como instruem as teorias gerativas, entre elas, a autosegmental e a métrica, que, ao contar com as designadas estruturas subjacente e de superfície, analisam qualquer relação de elementos, da mais à menos abstrata. Sem um instrumento analítico adequado, não se poderia explicar esse aglomerado de sons que formam a base de um sistema linguístico.

As sutilezas do sistema vocálico do português não são facilmente captáveis pelo falante / ouvinte, a não ser que para elas tenha sido alertado. Raramente o falante se dá conta de que, no lugar da lateral pós-vocálica, *sal* e *salto*, por exemplo, está produzindo a vogal **u** na forma de glide [saw], [sawto], assim como não a percebe na fala de seu interlocutor. Raramente capta a diferença de som entre pares como *feliz* ~ *filiz* ou *alegria* ~ *aligria*, assim como não percebe a diferença de sonoridade da fricativa coronal em pares do tipo *pasta* e *pasma*, [pasta], [pazma]. Talvez sutilezas de ritmo sejam mais perceptíveis como as do clássico exemplo *sabia*, *sábia*, *sabiá*, que mostra o papel fonológico do acento no sentido de distinguir palavras. Fatos como esses e outros, com suas complexidades, dizem respeito à organização do sistema das vogais do português, mas também refletem características universais das línguas humanas, campo de estudo da Fonologia, agraciada

nesta edição de Letras de Hoje, voltada para o sistema vocálico.

O sistema vocálico do português, que cria contraste com os traços [±ALTO], a exemplo de *s[u]co* / *s[a]co*, *p[i]sta* / *p[a]sta*, assim como o cria com os traços [±ATR], a exemplo de *s[e]co* / *s[ɛ]co*, *s[o]co* / *s[ɔ]co*, constitui um sistema de sete vogais /i,u,e,o,ɛ,ɔ,a/ que se manifesta plenamente em posição tônica, cinco das quais têm a propriedade de funcionar como nasais /a,e,i,o,u/. Sob o controle de princípios e restrições, atuam no sistema vocálico diferentes processos, como neutralização, nasalização e assimilações de diferentes ordens, constituindo-se um complexo sistema indutor de discussões à luz da teoria fonológica.

Foi Mattoso Camara Jr. quem fez a primeira descrição do sistema fonológico do português brasileiro, seguido por Barbara Lopez e Leo Wetzels, referências da literatura da área. Quanto ao português do sul / sudeste, Camara Jr. segue os cânones do estruturalismo linguístico da Escola de Praga, assentados nas ideias de Saussure, ao explicar as reduções do sistema vocálico como resultado de neutralização. Perdem-se as médias-baixas no sistema das átonas por neutralização, com clara evidência na pretônica, *b[ɛ]lo* > *b[e]leza*, *m[ɔ]le* > *m[o]leza*; na postônica não final, perde-se a vogal média /o/ em favor da alta por neutralização do traço que as distingue, *fósf[o]ro* > *fósf[u]ro*, criando-se um subsistema assimétrico de quatro vogais /a,e,i,u/; por fim, a vogal /e/ é neutralizada em favor da alta em final de palavra, ficando a pauta da átona final reduzida a três vogais /a,i,u/: *bal[ɐ]*, *leit[ɪ]*, *bol[u]*. Fiéis a Camara Jr., Barbara Lopez e Leo Wetzels formalizam as neutralizações: a primeira, em termos de regras de traços na linha da gerativa da primeira fase, o segundo, em termos da teoria autosegmental, explicando as três referidas neutralizações e seus domínios por meio de representações em diagramas de árvore. Análises sucessivas sob outros prismas teóricos consubstanciam essas neutralizações com uma exceção, a da pauta assimétrica de quatro vogais. O fato é que

não raro encontram-se proparoxítonas aos pares como *abób[ɔ]ra ~ abób[u]ra*, *per[o]la ~ per[u]la*, *mét[o]do ~ mét[u]do* ao lado de *pêss[e]go ~ pêss[i]go*, *fôl[e]go ~ fôl[i]go*, *prót[e]se ~ prót[i]se*, apontando para uma pauta variável de cinco vogais.

Muitos fatos fonológicos são temas de estudo recorrentes em descrições do português brasileiro, em virtude de tratar-se do domínio de uma língua só em uma vasta extensão geográfica. Não há dialetos no sentido tradicional, como na Itália, mas há variedades geográficas, também por dialetos comumente denominadas, como dialeto nordestino, dialeto carioca, dialeto gaúcho, cujas peculiaridades, como vem ocorrendo com a variação da pretônica, que distingue variedades, não alteram as relações básicas do sistema a ponto de emergir uma nova língua.

De oitiva se percebe na fala a diferença entre indivíduos do norte / nordeste e indivíduos do sul / sudeste. Enquanto estes ficam somente com cinco vogais na pretônica, porque, como vimos, perdem a média-baixa por neutralização, *b[ɛ]lo > b[e]leza*, *s[ɔ]l > s[o]lço*, aqueles podem manifestar na pretônica ambas as médias, *b[e]leza*, *s[ɔ]lço*, em concordância com a vogal seguinte. Admitindo-se que, no norte / nordeste, a emergência das duas vogais seja produto de assimilação, então a média-fechada emerge diante de sílaba com as vogais /e,o/, e a média-aberta diante de sílaba com as vogais /ɛ,ɔ,a/, como os dados sugerem. Assim sendo, pode-se afirmar que o sistema subjacente das átonas em todo o português brasileiro é constituído de cinco vogais. As diferenças são apenas de superfície.

Dada essa complexidade e diversidade, sobre a qual mais se poderia dizer, grupos de estudos vêm se dedicando a olhar para as vogais sob diferentes vieses. Desses grupos, destacamos o PROBRAVO (Projeto Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português), por ser o grupo ao qual se filia grande parte dos autores desta edição. O produto das pesquisas realizadas por esse e por tantos outros grupos vem sendo socializado em publicações de significativo impacto e em eventos com diversificada participação, como o SIS-VOGAIS, Simpósio sobre Vogais, cuja última edição teve lugar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 2011, também com participação de muitos dos colaboradores desta Revista. Esta edição inclui-se nesse âmbito, e enseja contribuir para a discussão teórica e descritiva sobre sistemas vocálicos, em especial das vogais da língua portuguesa e de língua indígena faladas no Brasil. São 13 artigos assinados por pesquisadores de diferentes universidades, concebidos a partir de recortes teóricos e descritivos diversos, cuja convergência está, sobretudo, no objeto mais amplo de análise – as vogais.

No primeiro texto, **Nevins** trata de enfraquecimento e fortalecimento vocálico em português brasileiro, utilizando-se da Teoria dos Elementos para sustentar que complexidade segmental e força de posição estão intimamente alinhadas na estrutura fonológica e, ainda, que a distinção sintagmática (por exemplo, entre posições fortes e fracas e entre partes de ditongos) pode induzir enfraquecimento e fortalecimento segmental.

Ainda na perspectiva da Fonologia dos Elementos, **Veloso**, com o estudo de vogais centrais do português europeu contemporâneo, pretende demonstrar que uma descrição a partir de três partículas elementares oferece explicação plausível e elegante para diversos aspectos da organização do sistema, nomeadamente para a distinção dos quatro graus de abertura atestados em posição tônica e para aspectos específicos das vogais centrais.

Alves e **Matzenauer**, numa abordagem otimalista, consideram a questão da simetria / assimetria em inventários de vogais de diferentes línguas e propõem um modelo de formalização de coocorrência de traços na representação de restrições, assumindo conjunção de elementos em caráter estrigente, tanto em termos de restrições de marcação quanto de fidelidade.

Battisti defende que uma estruturação das vogais do português pela Fonologia CV Radical é capaz de representar satisfatoriamente as distinções fonológicas e expressar, pelo resultado das combinações e sua marcação relativa, a motivação para alguns aspectos do vocalismo português, como a neutralização vocálica e a assimetria no número de fonemas nas diferentes pautas acentuais, a nasalização vocálica e a vogal alta como gatilho da palatalização das plosivas coronais.

Sandalo, a partir da Teoria da Dispersão, apresenta uma visão unificada de harmonia e redução vocálica no português do Brasil. O pressuposto é o de que a harmonia vocálica em pretônicas é uma estratégia de intensificação e maximização de contrastes de altura de vogais na posição tônica.

De Paula e **Brandão**, na perspectiva variacionista e fazendo uso de atlas fonéticos, focalizam as vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Estado do Rio de Janeiro, a fim de determinar os fatores sociais e linguísticos que norteiam o alteamento dessas vogais.

Cristófaros-Silva, **Fonseca** e **Cantoni**, utilizando-se do Modelo de Redes, da Fonologia de Uso e da Teoria de Exemplos, apresentam uma investigação sobre a redução do [ãw] postônico na morfologia verbal do português brasileiro.

Ainda no âmbito da nasalidade vocálica, **Telles** trata do latundê, uma língua da família Nambikwara do Norte, falada no estado de Rondônia. A autora descreve o comportamento das vogais nasais em relação ao acento e à silabificação nessa língua.

Rothe-Neves e Reis apresentam uma bibliografia sobre as vogais nasais em português, tanto na perspectiva fonética quanto na fonológica (ou na articulação entre essas abordagens). Trata-se de 103 referências, publicadas entre 1903 e 2012, reunindo artigos, livros e capítulos de livros, teses e dissertações, bem como resumos, produzidos no Brasil e em Portugal.

Simioni, tomando os pressupostos da Teoria da Otimidade, analisa como se processa a atribuição do acento em português brasileiro quando estão envolvidas palavras com vocóides altos – segmentos subjacentes que podem se realizar como vogal ou glide – antecidos ou sucedidos por uma vogal.

Pavezi, Tenani e Gonçalves, na perspectiva variacionista, analisam a influência de fatores sociais sobre o processo de alçamento de vogais mediais pretônicas na variedade do Português falada em São José do Rio Preto, interior do estado de São Paulo, a partir de dados do banco Iboruna.

Miranda e Meireles apresentam uma descrição acústica das vogais tônicas do português falado em Vitória, no estado do Espírito Santo, conhecido como dialeto *capixaba*. Os autores realizam, para tanto, uma comparação com estudos anteriores de outras cinco capitais brasileiras, controlando, do ponto de vista extralinguístico, a variável *gênero* dos informantes.

No texto final, **Ferreira-Gonçalves e Brum-de-Paula** problematizam a emergência do processo de harmonização vocálica na fala infantil em sua relação com o processo de aquisição da fonologia. São considerados dados de crianças em processo de aquisição do português brasileiro, com idades entre 1:4 e 3:0, e dados de fala de um dos cuidadores.

Leda Bisol
Luiz Carlos Schwindt

Contato: bisol@puers.br
schwindt@ufrgs.br